

## ***Trieb* em Nietzsche: Teoria das Pulões e seu jogo de forças.**

Salomão Santana<sup>163</sup>

**Resumo:** Pretendemos nesse artigo demonstrar as especificidades em torno do termo alemão *Trieb*, usualmente traduzido em português como Pulsão, na produção filosófica de Nietzsche. O conceito em muito se assemelha ao conceito Vontade de Poder. O objetivo desse artigo é demonstrar qual a importância desse conceito para o *corpus* teórico para a filosofia de Nietzsche.

**Palavras– chave:** *Trieb*, Pulsão, vontade de poder, fisiologia, psicologia.

**Abstract:** In this article, we intend to demonstrate the specificities around the German term *Trieb*, usually translated into Portuguese as Pulsion, in the two German-speaking thinkers: Nietzsche and Freud. The concept is very similar in both thinkers. The objective of this article is to demonstrate the importance of this concept for the theoretical corpus of Nietzsche's philosophy and Freudian psychoanalysis.

**Keywords:** *Trieb*, drive, will to power, physiology, psychology.

O substantivo alemão *Trieb* e o verbo *Treiben* são utilizados há muito tempo em diversos contextos, tais como a agricultura (*das Treiben von Vieh*), na caça ou na física, significando *Strom* ou *propulsus*. Só no final do século XVII é que *Trieb* se tornou um termo técnico na filosofia e na ciência, emergindo no contexto de uma antropologia pré-Kantiana, à qual permite a tematização das origens e fundações dos atos humanos. Um dos primeiros traços de sua definição pode ser encontrado no dicionário filosófico de Johann Georg Walch, de 1733 onde se lê: “*Ein Trieb überhaupt wird ein Grund genennet, welcher zum handeln reizt oder antreib*”<sup>164</sup>. A língua alemã não era a língua da escrita filosófica, somente aos poucos vai se tornando uma língua da ciência e da filosofia, isso no século XVI, nesse momento, os pensadores alemães, vão eliminando aos poucos, todo estrangeirismo, as influências de outros

---

<sup>163</sup> Doutorando em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe, Pós-graduação em Psicanálise clínica, graduando em Psicologia.

<sup>164</sup> Um impulso em geral é chamado de uma razão que estimula ou impulsiona a agir. In: *Philosophisches Lexikon* de Johann Georg Walch, , Leipzig, 1733, art. *Naturtriebe*".

idiomas. Nesse momento, um termo cujo a origem se perde no tempo e remonta ao germanismo muito antigo é o conceito *Trieb*, sendo preservado e elevado à categoria de estatuto científico.

O termo em tela, *Trieb*, sugere um paralelismo com o nosso conceito “saudade”, ou seja, é impossível traduzir o seu significado para outras línguas. Não é surpresa que o próprio Freud, que torna o conceito em uma peça importante em sua teoria psicanalítica, irá afirmar que *Trieb*: “é uma palavra que muitas línguas modernas nos invejam<sup>165</sup>”. Possuindo uma rede semântica, o conceito possui uma tradução que se consagrou entre os psicanalistas franceses e, com efeito, adotamos em outras áreas de conhecimento; Pulsão. Pretendemos aqui abordar como o termo pulsão, *Trieb*, adquire importância teórica em Nietzsche, não obstante, não iremos abordar as questões semânticas nesse artigo, pois o espaço não nos permite. Não encontraremos uma polissemia do conceito em Nietzsche, o termo possui uma característica específica em seu corpus teórico, mas não possui um caráter sistemático em sua arquitetura teórica, diferentemente de seu sucessor, Freud, cuja abordagem possui um estatuto sistemático e específico na produção psicanalítica.

Tarefa difícil elaborar uma imagem que invoca um sistema ou mesmo um conjunto metodológico em Nietzsche, sobretudo no tocante ao nosso objeto pesquisado. A distinção entre pulsão, *Trieb*, instinto, *Instinkt*, aparece em Nietzsche de modo muito flexível e, sobretudo, diversos do que em todos os teóricos que abordam esse conceito.

O conceito pulsão acompanha as variações e metamorfose que o conceito Vontade de Poder irá desenvolver no curso da produção teórica do filósofo de Zarathustra. Traçar uma unidade teórica em torno de um conceito em Nietzsche não só constitui uma tarefa difícil como problemática, isso porque, nos trabalhos filosóficos de Nietzsche, a noção de unidade nunca é tratada ou definida isoladamente. As unidades não aparecem frequentemente, mas esporadicamente e sem referência direta a ocorrências anteriores. Cada uma delas requer reconhecer a quem Nietzsche visa, ou seja, qual a corrente de pensamento ele pensou ou está provocando.

No momento em que Nietzsche se apropria da noção *Trieb*, para torná-la uma ferramenta discursiva em sua explicação dos eventos como a Vontade de Poder, ele se aproveita de um *Trieb* semanticamente carregado com múltiplas camadas diacrônicas. Nietzsche não deu uma definição exata do termo, nem é a sua preocupação, mas modificou seu conteúdo através do uso, colocando assim algumas dificuldades para o trabalho de interpretação.

---

<sup>165</sup> Die Frage der Laienanalyse (1926), (a questão da análise leiga) SE xx 200

A fim, portanto, de circunscrever o conceito nietzscheano de pulsão, um importante esforço hermenêutico é necessário. Este esforço só deve ser considerado verdadeiramente completo, quando todas as ocorrências do termo, na produção filosófica, forem analisadas e ligadas para formar um todo coerente.

Antes de mais nada, devemos observar que o conceito de pulsão em Nietzsche sempre existiu no plural. Sua profusão é a das múltiplas ramificações da Vontade de Poder – uma multidão atuando dentro de si mesma em uma transfiguração permanente. Como sabemos, a Vontade de Poder é ontogenética, é o mundo ou todo ser cujo modo de existência é o do Eterno Retorno.

Conseqüentemente, tudo é pulsão, tudo é movido pelo impulso de vida, o mundo é decomposto em impulsos. A ontogenética, a pulsão, percorrem continuamente todo o ser, desde a matéria inanimada até o ser humano, para o ser humano. Tudo o que somos, nossos atos, nossos desejos, nossos afetos<sup>166</sup>, nossas paixões, nossos pensamentos,<sup>167</sup> nossas preferências filosóficas<sup>168</sup>, mesmo e talvez primeiramente sejam resultado de sua existência.

Todos esses impulsos que animam o mundo não são equivalentes. Em seus múltiplos modos de manifestações, eles se distinguem por sua direção, pelo “caminho” que percorrem e pela maneira como eles seguem este caminho:

Em cada desejo há, primeiro, uma maioria de sentimentos, ou seja, o sentimento do estado, do qual se deixa, a sensação do sentimento do estado para o qual se vai, a sensação desse "deixar" e "ir" "em direção" a si mesmo, depois ainda outro sentimento muscular concomitante.<sup>169</sup>

No entanto, as pulsões nietzscheanas não se distinguem apenas por estas propriedades. O que é essencial, o que dá a estas pulsões sua qualidade e valor, é sua força relativa. É como quantidades de potência (*Quantum* de Potência) que as pulsões se manifestam como ramos da Vontade ao Poder. Seu caráter quantitativo é, portanto, o que lhes dá seu conteúdo principal. A princípio, tal redução permite a Nietzsche despojar sua noção de impulso de qualquer conteúdo moral. Ele rompe, por este mesmo fato, com uma tradição de bons ou maus impulsos, explicando qualquer valorização neste sentido pela incapacidade dos pensadores de superar

---

<sup>166</sup> JGB/ BM, §6. Cf. a nota 21. Nessa nota, na tradução de Paulo Cesar de Souza, há uma observação quanto a tradução do termo *Trieb* por pulsão para o português.

<sup>167</sup> JGB/BM, §36

<sup>168</sup> JGB/BM, §6

<sup>169</sup> JGB/BM, §19

seus preconceitos morais<sup>170</sup>. As pulsões, em si são cegas e puras, não tem sequer um significado ou sentido.

Nietzsche não ignora o conteúdo moral com uma forma de interpretação das pulsões. Ao remover seu status fundamental, ele dá conta deles, fazendo-os emergir contexto, comunidade, cultura ou idioma que organizam, classificam e qualificam as pulsões, qualificando-as de acordo com suas próprias predisposições. O significado dos impulsos é assim sobreposto a eles:

O mesmo impulso se desenvolve no embaraçoso sentimento de censura que o costume tem colocado sobre os impulsos; ou ao agradável sentimento de humildade, se um costume, como o cristão, tem encarecido, levou-o a sério e aprovou-o. [...] Em si mesmo, como toda pulsão, ela não tem [...] caráter moral ou denominação moral, nem mesmo uma determinada sensação de prazer ou desprazer: ela adquire tudo isso apenas, como sua segunda natureza, quando entra em relação com os impulsos já batizados de bem e mal, ou é notada como uma qualidade de seres que já foram moralmente avaliados e estabelecidos pelo povo.<sup>171</sup>

Observemos que esta citação já descreve o que podemos chamar de plasticidade dos impulsos que é de fundamental importância e sobre os quais teremos a oportunidade de analisar no contexto sistemático da filosofia de Freud. No momento, devemos nos deter um pouco nas ideias apresentadas aqui, porque duas interpretações importantes podem ser feitas facilmente neste ponto em relação a Nietzsche e que podem nos conduzir a erro. A primeira seria considerar que as pulsões não têm qualidade intrínseca. A segunda seria declará-lo um materialista.

Consideremos, primeiro, a questão da qualidade. Embora definido quantitativamente, as pulsões, em Nietzsche, nunca escapam de uma diferenciação qualitativa estabelecida, por nós, de acordo com a diferença relativa das forças que elas representam. A auto-organização da Vontade de Poder deriva dessas diferenças. As pulsões são dotadas de uma capacidade interpretativa, são capazes de reconhecer o que é mais alto ou mais baixo superior ou inferior: o que se subordinar a si mesmo ou o que se submete a fim de alcançar maior poder. Assim, a Vontade de Poder valoriza e dá aos objetos um valor e um significado ao integrá-los em sua estrutura dinâmica. Podemos dizer que esta auto-organização pode atingir diferentes graus que, por sua vez, implicam valores estéticos diferentes. Curiosamente, porém, vemos que é apenas em sua pluralidade que as pulsões entram no domínio do valor e do significado, ou seja, o domínio do qualitativo.

---

<sup>170</sup> JGB/BM, §23 “já uma doutrina da condicionalidade mútua dos impulsos "bons" e "maus". Impulsos (*Triebe*) 'maus' fazem, como uma imoralidade mais fina, uma consciência ainda mais vigorosa e calorosa de angústia e cansaço -, mais ainda uma doutrina da derivabilidade de todos os bons impulsos (*Triebe*) do ruim.”

<sup>171</sup> A, §38

Tomemos, agora, a questão de um suposto materialismo. Digamos, desde já, que Nietzsche abomina qualquer interpretação mecanicista do mundo que só pode revelar um mundo sem sentido. Embora, aderindo a uma visão quantitativa do mundo, ele concebe que a expressão de relações quantitativas não pode ser implantada em uma linguagem de matemáticos, mas somente na linguagem do aforismo poético, em uma linguagem desviada que não se ordena em uma estrutura humanamente palpável, mas que expressa os enredos indizíveis dos impulsos. Esta linguagem, mais próxima da música, expressa mais fielmente os impulsos do que uma linguagem e uma gramática dotada de sequências sempre lineares e “claras” que submete o mundo do impulso à estreiteza do humanamente concebível. A seguinte citação ilustra esta posição:

O mesmo se dá hoje com essas crenças com a qual tantos naturalistas materialistas estão agora satisfeitos. Os naturalistas estão satisfeitos com a crença em um mundo que supostamente tem sua origem no pensamento humano, nos valores humanos, em um "mundo de verdade", que finalmente pode ser abordado com a ajuda de nossa pequena e quadrada razão humana - como? queremos de fato permitir que a existência nos seja de tal forma degradada a mero exercício de contador e ocupação doméstica de matemáticos?<sup>172</sup>

O mundo vai muito além das possibilidades de todas as nossas formulações. Para reivindicar a objetividade científica, seria fingir tal possibilidade, o que equivaleria a se esconder da magnitude do mundo. Tal desvio leva automaticamente à construção de um submundo totalmente preenchido com Deus, ciência ou gramática. Na realidade, qualquer afirmação física ou matemática não pode esconder sua linguagem dos sinais antropomórficos, a arte da esquematização, da simplificação, designação do mundo por noções que nunca podem chegar a um entendimento da compreensão do mundo, mas só permitem que os cientistas se entendam uns aos outros.<sup>173</sup>

Nietzsche não pôde, portanto, de forma alguma propor um materialismo, mas, ao contrário, um antropomorfismo que se assume aqui, que empurra sua analogia humana até as últimas consequências. É no campo de tal antropomorfismo que nasceu a Vontade de Poder, que é tudo menos um vetor sem intenção, materialmente objetivo. Em nosso idioma e dentro dos limites de nossa capacidade de apreender o mundo, os impulsos que o compõem só podem ser descritos como dotados de uma intencionalidade, uma vontade semelhante à nossa.

---

<sup>172</sup> FW/GC, § 373

<sup>173</sup> Cf. GASSER, 636

Mas quais são as intenções das pulsões em Nietzsche? As pulsões são cegas, dentro do Eterno Retorno, elas não têm início, não têm fim, não têm história, sem plano. Tudo o que as pulsões querem é superar a si mesmas, descarregar-se em algo superior a si mesmas.

A premissa do Eterno Retorno exige que a soma total das quantidades de energia permaneça a mesma. A descarga do impulso adquire assim, um significado especial: só pode ser considerada em relação a outras pulsões. Para ser descarregada, significa encontrar um obstáculo – outro impulso – e subjugar-lo, ou submeter-se a ele, para participar de seu poder, que se reconhece como maior, a fim de participar de seu projeto. Nietzsche fala de uma conspiração para o poder.<sup>174</sup> Portanto, ou é uma questão de configurar o mundo ou de entrar em uma de suas configurações. Esta é a intenção, o propósito da Vontade de Poder das quais as pulsões são portadoras.

Estejamos atentos, no entanto, para ter uma visão lógica desta intenção. A leitura da filosofia de Nietzsche requer uma intuição que vai além de qualquer construção diretamente enunciável. Assim, apesar deste caráter organizacional que é parte integrante da intenção das pulsões, o propósito da vontade é de fato estender-se o máximo possível ao mundo. O desafio do infável entendimento de Nietzsche é pensar que estas duas perspectivas são divergentes em uma pulsão.

### **Referências bibliográficas**

ASSOUN, Paul-Laurent. **Freud, la Philosophie et les Philosophes**. Paris : PUF, 2005.

\_\_\_\_\_. **Freud, a filosofia e os filósofos**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.

\_\_\_\_\_. **Freud et Nietzsche**. Paris : PUF, 2005

FREUD. S. **SA Die S Freud-Studienausgabe**. S. Fischer Verlag, 1980. *Org.* , 11 vols., Munique, DTV/ de Gruyter, 2ª ed., 1999.

GASSER, R. **Nietzsche und Freud**. Berlin; New York: de Gruyter, 1997.

GIACÓIA JR., O. **Nietzsche como psicólogo**. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

HANNS, Luiz. **A teoria pulsional na clínica de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1999.\_\_\_\_.

**Dicionário comentado do alemão de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

NIETZSCHE. F. **KSA Kritische Studienausgabe**. *Org.* Giorgio Colli e Mazzino Montinari, 15 vols., Munique, DTV/ de Gruyter, 2ª ed., 1999.

---

<sup>174</sup> De acordo com os fragmentos póstumos de 1888, KSA 13, p. 373; citado em Gasser, pag. 627

